

Jazz

18 Fevereiro 2011

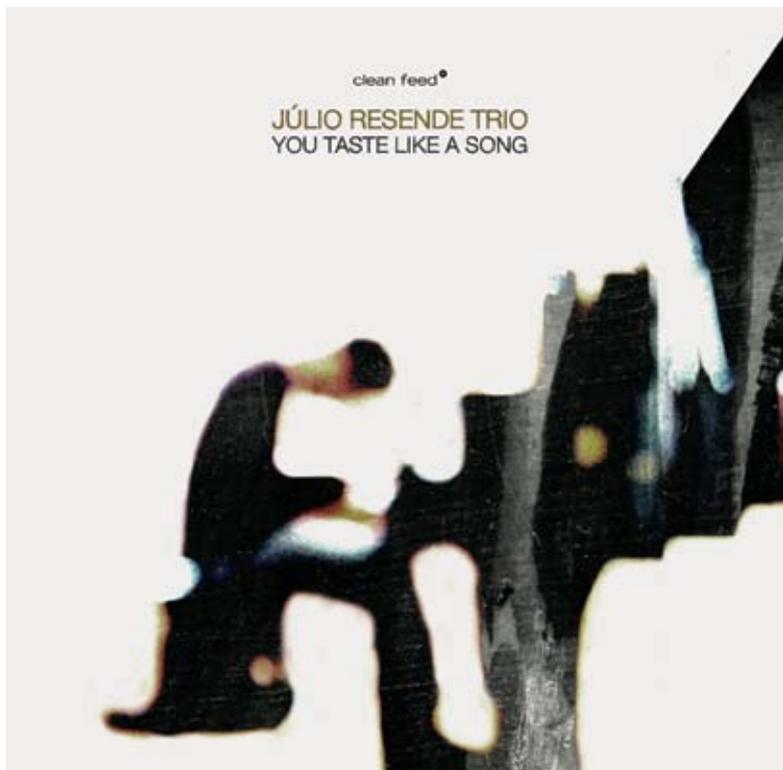
You taste like a song

Júlio Resende Trio

Convidado especial Matt Penman

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Piano Júlio Resende
Contrabaixo Matt Penman
Bateria Joel Silva

No final do concerto os músicos estarão disponíveis para uma sessão de autógrafos.

Sex 18 de Fevereiro
21h30 · Grande Auditório · Duração aprox. 1h15 · M12

Sentir tudo de todas as maneiras

À terceira aparição discográfica, Júlio Resende troca o formato de quarteto da sua música pelas lógicas inerentes ao trio de piano jazz. *You taste like a song* (Clean Feed), o novo título do pianista e compositor, bem como o concerto que o apresenta na Culturgest, introduz, pois, uma inflexão de rumo na fórmula que antes propusera em *Da Alma e Assim Falava Jazzatustra*: «Esta é, com certeza, uma nova etapa. Com uma herança vasta na história do jazz, o piano-trio exige uma abordagem diferente, pois os temas são pensados para serem tocados pelo piano, em vez de pelo saxofone. Este tem um som cortante, que não se incomoda tanto com o volume da bateria; já o piano precisa de ter mais espaço sonoro para se fazer ouvir. Assim, o próprio conceito passa por encontrar esse espaço. Também interfiro com o lirismo pianístico e dou-lhe um lado mais “bruto”, mais “agreste”, quando sinto que tal é necessário.»

Como confessa Júlio, «este é um formato que muito exige do pianista – dá-lhe mais tempo para explorar as ideias, mas para isso é preciso que haja ideias» (risos). «Também é um desafio maior para o contrabaixista, que não só conquista mais terreno para agir como é chamado mais vezes a solar», e se tal responsabilidade foi dada a Ole Morten Vagan no disco, em cima do palco terá a seu lado Matt Penmann. «O Ole vai ser pai em Fevereiro e não podia vir, mas foi a oportunidade perfeita para finalmente conseguir trazer o meu amigo Matt, com o qual há muito andava a tentar partilhar

alguma música, mas é um dos contrabaixos mais requisitados do mundo, tocando, por exemplo, com Joshua Redman, John Scofield e o SF Collective. Adoro o *groove* dele, sempre a suportar a banda sem deixar de ser atrevido. Sou fã do trabalho de Matt Penmann nos Root 70 do trombonista alemão Nils Wogram.»

Como o próprio nome deste projecto indica, Júlio Resende adota por inteiro o modelo da canção. A esse nível, não hesita mesmo em pegar em temas pop de configuração especialmente bem conseguida, como de resto tem sido habitual no seu percurso. No novo álbum, entre originais seus e uma versão de um nobre exemplar do *songbook* norte-americano continuamente repagado por várias gerações de músicos de jazz, *Straight No Chaser*, de Thelonious Monk, a escolha recai sobre *Airbag*, do grupo de rock Radiohead. «Às vezes não se percebe o quão difícil é escrever uma boa canção, e nesse particular devo muito a Chico Buarque, Radiohead, Pink Floyd, Jorge Palma e Pedro Esteves. Uma boa canção tem de ser muito sólida e altamente inspiradora, e a verdade é que o universo pop-rock tem desde sempre cultivado essa acção. É, portanto, uma área musical sobre a qual me debruço repetidamente. *Airbag* acompanha-me desde os tempos em que frequentava as aulas de piano do Conservatório de Faro e é a primeira faixa de um disco maravilhoso chamado *OK Computer*, que eu literalmente devorei», elucida.

Se, no que respeita à canção, o espólio dos *standards* do jazz muito tem para oferecer, o facto de Júlio Resende raramente recorrer a essa fonte (o mesmo, para todos os efeitos, aplicando-se em

relação ao património da pop), tem um significado com o relevo de um *statement*: «É prática corrente no jazz interpretar os *standards*, mas acho que tocar as minhas próprias composições diz mais sobre mim do que pegar em partituras de terceiros. Tocar os meus temas revela a minha identidade de modo mais agudo e acho que isso dá à minha *persona* artística um cunho muito mais vincado. Mas é claro que não procuro isolar-me no meu mundo e retiro grande prazer em *performar* peças de grandes músicos que muito admiro e muito me ensinaram.»

Tenham sido escritas por si ou pedidas emprestadas a outros, as canções jazz de Júlio Resende têm duas características bem vinculadas e imediatamente perceptíveis: são melodicamente sugestivas e estão suportadas num *beat* irrequieto e intenso. «Gosto, sem dúvida, de melodias fortes, o que, como já disse, não é fácil de obter. No que respeita ao ritmo, o *groove* vem das minhas costelas latina e africana. Sempre ouvi música africana e a mãe-África não dá hipóteses. É, de qualquer modo, e sobretudo, na harmonia que torno as coisas mais densas. Gosto da ubiquidade entre simples e complexo, pois nada na vida é de apenas uma cor. Na minha música, a simplicidade estrutural da canção mistura-se com a complexidade das improvisações, e é esse jogo que me atrai. Aprecio os desafios e a espontaneidade e neste álbum decidi mesmo quebrar a ordem de trabalhos para verificar onde podíamos chegar – fizemos uma improvisação sem pré-texto em cada dia das gravações e um registo disso surge no alinhamento do CD. Conseguimos chegar a um sítio bem agradável (risos)...»

É este tipo de abordagem que “despen-teia” a música de Resende e a torna orgânica, afastando-a das práticas mais conformistas do trio de piano: «Dou um grande espaço para os solos, fazendo com que os músicos intervenientes comuniquem entre si de modo muito atento, em sucessivas perguntas-respostas, com apreço pela liberdade dos outros e respeito pela comunhão que se pode atingir neste ascendente diálogo. O Morten Vagan tem a virtude de impulsionar a liberdade performativa sem esquecer a forma, e com certeza que assim será também com o Penmann no concerto. Pelo seu lado, Joel Silva é um baterista superalerta que, com grande sensibilidade, reforça e incrementa as sugestões dos solistas, para além de ele mesmo ser um óptimo solista. Em grupo, tentamos fazer da música composta por mim algo que não esteja amarrado a uma ideia primordial, deixando a *performance* decidir o caminho, ou os caminhos, a trilhar. Procuramos abordar cada tema de maneira diferente, e boas surpresas acontecem quando se faz isso. Abandonar preconceitos é outra tarefa difícil que tentamos colocar em execução.»

Por essa ordem de razões, o trabalho de Júlio Resende vem agradando tanto aos apreciadores do jazz *mainstream* como aos que preferem as propostas mais progressivas deste idioma musical. Afirma o músico a propósito que qualquer esforço que faça para se catalogar é «uma perda de energia». «Fernando Pessoa disse-o bem: “Sentir tudo de todas as maneiras / Ser a mesma coisa de todos os modos possíveis ao mesmo tempo.” Este é um bom “slogan” para o jazz que se clama como uma música

livre e como uma linguagem universal. O melhor mesmo é sermos mais autocríticos e sermos nós a retirar conclusões sobre o que fazemos, em vez de nos deixarmos guiar por catálogos ou por juízos alheios. A minha formação em Filosofia ajudou-me a colocar tudo em questão, e inclusive a mim mesmo, e acho que essa é uma atitude que nenhum artista devia dispensar.»

«O que faz do meu jazz um jazz vivo é o facto de estar alinhado comigo, de ser autêntico no sentido de que respira através de mim. Aprendeu tudo o que havia à volta para aprender, mas é da minha cabeça e das minhas mãos que sai. Ao contrário do que se faz muito actualmente, não segue qualquer receita comercial, nem reproduz os padrões de outros sujeitos artísticos. Apenas os meus, com a salvaguarda de que não sou um eremita», explica-se o jovem pianista português de que mais se vai falando na actualidade. Agora, foquemo-nos nos sons...

Rui Eduardo Paes
Crítico de música, ensaísta,
editor da revista *jazz.pt*



Júlio Resende

piano

O pianista Júlio Resende foi inicialmente orientado pelo pedagogo do jazz nacional, Zé Eduardo, prosseguindo os seus estudos com Rodrigo Gonçalves, Mário Laginha e Pedro Moreira, outro grande pedagogo português. Resende tem também um *background* na música clássica, mas cedo descobriu que não ficava satisfeito em ser apenas um intérprete de peças musicais em que não pudesse improvisar. Participou em vários *workshops*, nos quais teve oportunidade de trabalhar com os melhores mestres do Hot Clube, da New School for Jazz and Contemporary Music, da Berklee College of Music e da Bill Evans Academy, entre o tempo que passou na Université de St. Denis em Paris.

Em 2006, licencia-se em Filosofia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e em 2007 lecciona o curso de

Piano-Jazz na Escola JBJazz em Lisboa.

Gravou o seu primeiro disco em 2007, *Júlio Resende – Da Alma*, para a prestigiada editora de jazz – Clean Feed –, editora de nomes como Mário Laginha, Bernardo Sassetti, João Paulo Esteves da Silva, Gerry Hemingway, Tony Malaby e Carlos Bica, tornando-se no mais jovem músico nacional a editar um disco para esta editora enquanto líder. Disco esse que foi considerado um dos melhores discos do ano pela revista *Jazz.pt*, e que tem recebido excelentes distinções, quer pela imprensa nacional, quer pela imprensa estrangeira.

O segundo disco *Assim falava Jazzatustra* saiu em Outubro 2009, contando com músicos como Perico Sambeat, Ole Morten Vågan, Joel Silva, Manuela Azevedo, João Custódio e Desidério Lázaro. Também este tem sido considerado um dos melhores discos do ano pela crítica especializada.

Para além do seu 4teto, integra o novo projecto de Maria João “Ogre” e o projecto “Happening” com Carlos Bica, João Paulo e João Lobo.

Actualmente é mestrando na Universidade de Aveiro na especialidade de Música Jazz.



Matt Penman

contrabaixo

“Penman revelou as bases da música, de uma forma que os baixistas raramente concebem.» David Miller, *All About Jazz*

“Ele consegue montar o mais poderoso dos *grooves*.” Sebastian Scotney, *LondonJazz Blog*

Nascido na Nova Zelândia, Matt Penman foi viver para os Estados Unidos em 1994 com o intuito de frequentar a Berklee College of Music, mudando-se para Nova Iorque em 1995. Enquanto um dos baixistas de jazz mais requisitados, gere uma agenda ocupada, entre actuações internacionais, gravações e aulas.

É membro da SFJazz Collective, um colectivo de compositores formado por oito músicos que se dedica a apresentar os trabalhos originais dos seus membros, bem como arranjos da banda criados todos os anos a partir de uma grande obra de jazz. O Colectivo tem

sete anos de vida e actualmente conta com a presença de Mark Turner e Stefon Harris.

Matt faz ainda parte do quarteto James Farm, um novo grupo colaborativo que junta ainda Joshua Redman, Aaron Parks e Eric Harland.

Além de se dedicar a estes projectos principais, actua regularmente com John Scofield, no seu trio e em quarteto com Joe Lovano. É membro do Nils Wogram's Root 70 e do Breve, um trio sem baterista, onde toca com Hayden Chisholm e John Taylor. Entre os seus antigos colaboradores contam-se nomes como Kurt Rosenwinkel, Kenny Werner, Chris Cheek, Seamus Blake, Wolfgang Muthspiel, Guillermo Klein, Rebecca Martin, Nicholas Payton, Fred Hersch e Madeleine Peyroux.

Deu formação em vários *workshops* por toda a Europa e, em 2007, foi Artista Residente no Brubeck Institute, em Stockton, Califórnia. Foi professor no Workshop Banff para Música Criativa e Improvisada de 2009. Entre os seus próprios projectos incluem-se o álbum em parceria *Flipside*, pela Naxos, em 1998; *The Unquiet*, de 2001; e *Catch of the Day*, de 2008, estes últimos pela editora Fresh Sound, de Barcelona. Participa ainda em cerca de 85 CDs de várias editoras.



Joel Silva

bateria

Natural de Leiria (1982). Começou por tocar em bandas de rock e, em 1997, iniciou os seus estudos musicais na EMOL (Escola de Música do Orfeão de Leiria), onde estudou Percussão com Rui Gomes e Manuel Campos. Mais tarde começou a interessar-se por jazz e frequentou *workshops* com Bruno Pedroso, Alexandre Frazão, Carlos Barretto, Marc Miralta, Mark Ferber, Daniel Freedman, Mark Turner, Peter Erskine, John Riley, Dan Weiss, Donald Edwards, Ari Hoenig e Billy Hart. Em 2008 licenciou-se no Curso de Jazz da ESMAE (Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo) onde estudou bateria com Michael Lauren. Tem vindo a tocar com vários músicos, incluindo Carlos Barretto, Yuri Daniel, Claus Nymark, Mário Franco, Bob Sands, Antonio Serrano, Paulo de Carvalho, Kristin

Korb, Mário Santos, André Fernandes, Demian Cabaud, Chris Williams, Franck Amsallem, Marc Demuth, Perico Sambeat, Ole Morten Vågan, Baptiste Trotignon, Mário Delgado e Maria João. Desde 2004 tem estado presente em vários festivais de jazz, nomeadamente Festival de Jazz da Alta Estremadura, Lagoa Jazz Festival, Festival de Artes de Macau, Festival Jazz Valado dos Frades, Universijazz Valladolid, Festival Jazz & Wine of Peace Collio, Clean Feed Fest - em países como Portugal, Holanda, Itália, Angola, Macau, Espanha e EUA. Actualmente lecciona Bateria e Combo nas escolas JBJazz e Hot Clube de Portugal.

Luísa Tender e Jill Lawson

Duo de pianos

Ciclo Concertos no Palco



Música Sáb 19 Fevereiro

Palco do Grande Auditório · 18h00

Duração aprox. 1h15 com intervalo · M12

Piotr Tchaikovsky (1840-1893)

O Quebra Nozes, transcrição de excertos para dois pianos de Nicolas Economou

Maurice Ravel (1875-1937)

La Valse, transcrição do compositor

Fernando Lapa (1950)

Storyboard - seis miniaturas

para piano a 4 mãos

Sergei Rachmaninov (1873-1943)

Suite n.º 2, op. 17

Este recital reúne algumas das obras mais divulgadas do repertório para dois pianos e inclui uma composição recente de Fernando Lapa.

Tchaikovsky e Rachmaninov são dois dos maiores e mais célebres compositores russos dos séculos XIX e XX. O *Quebra Nozes*, do primeiro, foi parcialmente objecto de várias transcrições. Economou, compositor e pianista cipriota, reescreveu, para dois pianos, excertos desta obra que gravou com a pianista Martha Argerich. É essa transcrição que será interpretada neste recital.

A Suite n.º 2, op. 17 de Rachmaninov

foi originalmente escrita para dois pianos. É uma das peças mais populares do repertório para esta formação, tendo sido escrita ainda na Rússia.

A Valsa, de Maurice Ravel (1875-1937) foi transcrita para dois pianos pelo compositor. A partitura original, um poema coreográfico para orquestra que presta tributo à valsa e aos compositores vienenses que a exploraram, foi composta em 1919 e estreada em Paris em 1920.

Storyboard de Fernando Lapa - nascido em Vila Real, um dos nomes mais importantes da música portuguesa contemporânea - tem uma componente extra-musical muito nítida. Não se trata de histórias, mas de alusões a ambientes, lugares e pessoas. Tem claras sugestões visuais: cada pequena peça é um espaço único, remete-nos para os formatos do conto, do esboço, do retrato, da banda desenhada, aproximando-nos do mundo da imagem.

Os portadores de bilhete para o espectáculo

têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado
Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes
Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos
Pietra Fraga

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez
Mariana Cardoso de Lemos
Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira
Rita Duarte estagiária

Publicações

Marta Cardoso
Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez
Clara Troni
Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro
Paulo Silva
Teresa Figueiredo

Direcção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Alcino Ferreira
Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho
Edgar Andrade

Recepção

Sofia Fernandes
Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real
Inês Costa Dias
Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
